



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6532 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

O LUGAR DA MULHER DO PERÍODO COLONIAL NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA; ENTRE TEXTOS E IMAGENS

Kátia Rosane Santos Pereira - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Maria Cristina Dantas Pina - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA

O LUGAR DA MULHER DO PERÍODO COLONIAL NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: ENTRE IMAGENS E TEXTOS.

Palavras-chave: Mulher. Livro Didático. Ensino de História.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações a respeito da pesquisa, em fase de andamento, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Tal pesquisa trata do lugar da mulher do período colonial no livro didático de História. Para tanto, trabalharemos com livros didáticos utilizados nas escolas de Ensino Médio das escolas da rede pública, em Vitória da Conquista, no interior da Bahia.

A intenção é analisar como as mulheres brasileiras – com um recorte temporal centrado na História do período Colonial, vem sendo apresentadas, suas visibilidades e invisibilidades neste material didático. Nesse sentido, examinaremos as formas como são abordadas nos textos principais e secundários, assim como os locais na distribuição dos conteúdos e suas imagens reproduzidas. O referencial teórico utilizado dialoga com os estudos de Gênero, da Educação, da História e do Ensino de História.

Considerando que o livro didático é tratado como um dos principais recursos pedagógicos utilizado tanto por professores como por alunos da educação básica das escolas públicas brasileiras, pretende-se verificar como a mulher tem sido apresentada por ele. O texto e os documentos disponibilizados neste recurso didático expressam quais espaços ocupados e atividades desenvolvidas pelas mulheres do período colonial? Esse recurso

didático ratifica a subalternização desta, ou invisibiliza sua participação na construção da sociedade da época? Esses conteúdos e imagens influenciam na construção das ideias a respeito da mulher atual? A abordagem sobre as mulheres do período colonial, apresentada nas narrativas encontradas nos livros didáticos, silencia todas as mulheres? Os saberes ensinados na escola, por meio do livro didático de história do Brasil, referentes à mulher do período colonial, contribuem para a formação da consciência histórica dos alunos?

No âmbito mais geral, temos como objetivo, analisar como os livros didáticos de História, do Ensino Médio, abordam, em seus textos e imagens os papéis desempenhados pela mulher do período colonial brasileiro. Também, pretendemos identificar as identidades femininas presentes nesses livros didáticos, os espaços ocupados e as atividades desenvolvidas por elas, assim como as figuras femininas silenciadas nos processos narrados nos livros didáticos. Objetivamos ainda verificar se os conteúdos e imagens referentes aos espaços ocupados pela mulher do período colonial, apresentados nos livros didáticos de História, influenciam de alguma forma nas ideias atuais a respeito da mulher.

Para a realização da pesquisa proposta pretende-se realizar uma análise do conteúdo de alguns exemplares de livros didáticos que se configuram como documento e importante instrumento metodológico no ensino de História. Para Severino (2000), a análise documental é aquela que trata e analisa as informações textuais constantes no objeto de pesquisa, buscando uma compreensão crítica dos conteúdos postos a luz dos objetivos que regem a pesquisa. Também, pretendemos analisar as imagens constantes nos livros e referentes aos conteúdos históricos que se referem à mulher do período colonial. A análise do conteúdo e imagens não pode ser realizada sem levar em consideração o seu contexto sócio histórico, isto porque eles trazem em si os valores e a história social de quem as produziu.

Ao realizar a pesquisa utilizaremos como fonte alguns livros didáticos de história, do Ensino Médio, dos últimos três PNLDS, adotados em escolas públicas, a exemplo: História – Sociedade e Cidadania, de Alfredo Boulos Júnior - Volumes 2; # Contato História, de Marco Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg - Volume 2; História das Cavernas ao Terceiro Milênio, de Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota - volume 2; e História Global de Gilberto Cotrim - Volume 2.

O tipo de pesquisa a ser realizado nesse estudo será a documental, tendo em vista que o livro didático será tratado como documento e fonte de pesquisa e não como referência bibliográfica. Sua importância está na própria utilização do documento enquanto fonte de pesquisa. Nesse sentido,

no Brasil o livro didático de História tem sido os mais investigados pelos pesquisadores, e foram igualmente muito comuns análises dos conteúdos escolares em uma perspectiva ideológica. Aos poucos, as abordagens ideológicas foram sendo acrescidas de outros aspectos referentes aos conteúdos, como defasagens ou

clivagens entre a produção acadêmica e a escolar ou estereótipos de grupos étnicos ou minoritários da sociedade brasileira (BITENCOURT, 2009, p. 304).

Concordando com Choppin (2004) que diz que os livros didáticos, além de instrumentos pedagógicos também são produtos criados por determinados grupos sociais que tendem a preservar seus valores, tradições, identidades e cultura, tentaremos analisá-los e interpretá-los, tratando-os como documentos, buscando compreender o papel desempenhado pelas mulheres do período colonial nos textos e imagens dos livros didáticos elencados acima. É sabido que os materiais didáticos são expressões de representações e para cada tipo devemos adotar um procedimento específico para analisá-los. Segundo Le Goff:

No limite, não existe documento verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo [...], porque qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo talvez, sobretudo os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir essa montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 2003, p.538).

Trazendo a afirmação de Le Goff para o estudo do livro didático, é necessário fazer uma análise crítica sobre o mesmo, avaliando o contexto da sua produção e os agentes sociais envolvidos na sua produção para entender a que e a quem ele se destina, assim como a mensagem que ele quer transmitir.

Ao pensar e falar em livros didáticos de História (LDH), devemos lembrar do peso que estes têm na vida dos estudantes, pois são eles quase sempre, a única leitura realizada pelos alunos e, por isso mesmo, que, na maioria das vezes, são os responsáveis pela formação de uma memória histórica. A esse respeito, Monteiro defende que

[...] a construção de uma memória histórica, de como o ser humano surgiu e evoluiu até os dias atuais, é adquirida pelos livros didáticos de História. O que nele for contido (ou não) muito provavelmente será o que a(o) aluna(o) terá contato desta memória. Assim, palavras e silêncios fazem toda a diferença. (MONTEIRO, ,2016, p. 15).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO TEMA

Sendo o ensino de História considerado como capaz de formar indivíduos críticos, participativos e em condições de atuar na transformação da sociedade, entende-se que o Livro Didático de História deveria seguir por esse mesmo caminho, mas, por ser um produto que atende ao mercado editorial, não é isso o que temos percebido, pois “quase sempre os livros didáticos mostram a História pelos olhos da classe dominante, ocultando o outro lado da História, ou seja, a História da classe dominada [...]” (PASTRO e CONTIERO, 2002, p. 62-63)

Na perspectiva de mudança, Stamatto e Caimi (2016) citam o Edital de Convocação 01/2013 para o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD o qual enfatiza a

importância de os livros didáticos orientarem os alunos para pensar, historicamente, e para compreender as situações reais da sua vida cotidiana e do seu tempo. Nele, defende-se o tratamento dos conhecimentos históricos a partir de um problema ou de um conjunto de problemas, fortalecendo o ensino-aprendizagem da história como processo de investigação, o trabalho com fontes e o uso de recursos variados quanto às possibilidades de significação histórica. O que revela uma aproximação com a perspectiva de aprendizagem histórica abordada por Shimidit e Cainelli, para as quais,

o ensino de história deve ter por objetivo a formação de uma consciência histórica que supere as formas tradicionais e exemplares da consciência histórica, que supere formas tradicionais e exemplares da consciência histórica, responsáveis pela consolidação de narrativas baseadas em organizações lineares do tempo, bem como as visões de que a história é a mestra da vida. (SHIMIDIT e CAINELLI, 2009, p.69).

No tocante às questões relacionadas à história das mulheres, intensificadas especialmente a partir da década de 1960 nos movimentos feministas, tem ganhado bastante destaque na historiografia nas últimas décadas. Este é um momento em que a historiografia brasileira, a partir das abordagens propostas pela Escola dos *Analles* e pela abordagem Marxista, amplia suas indagações problematizando contextos e sujeitos então excluídos da História, sob a perspectiva Positivista em voga, até então, na grande maioria das pesquisas. A análise de Rago irá constatar que

É ao longo da década de 1980, porém, que emerge o que se poderia considerar uma segunda vertente das produções acadêmicas sobre as mulheres. Aí floresce um

conjunto de estudos preocupados em revelar a presença das mulheres atuando na vida social, reinventando seu cotidiano, criando estratégias informais de sobrevivência, elaborando formas multifacetadas de resistência à dominação masculina e classista. Confere-se um destaque particular à sua atuação como sujeito histórico, e, portanto, à sua capacidade de luta e de participação na transformação das condições sociais de vida. (RAGO, 1995, p. 82)

Embora percebamos a ampliação no debate historiográfico acerca da temática, destacamos que ainda não há o devido reconhecimento do papel desempenhado pela mulher na História. Para Mistura e Caimi, “na história escolar, ainda hoje, as mulheres aparecem [...] sendo pouco visibilizadas como sujeitos de direitos e restritamente reconhecidas como parte substancial da compreensão histórica, do conhecimento do passado e da formação para a cidadania (MISTURA e CAIMI, 2015, p. 229).

Sabendo que a mulher tem conquistado espaços cada vez maiores na sociedade, e entendendo e concordando com Guimarães que “o livro didático de história, em sintonia com os currículos, tornou-se o canal privilegiado para a difusão de determinados saberes históricos” (FONSECA, 2004, p. 52), consideramos relevante verificar como a mulher do período colonial tem sido apresentada nos livros didáticos da atualidade, levando em consideração a importância da mesma, que, além das funções domésticas e maternas, estava presente em várias atividades. De acordo com Ivo

há algum tempo, a historiografia tem mostrado a constante presença de mulheres no comércio ambulante – as chamadas negras de tabuleiro – e na propriedade de vendas. Nestas atividades, as mulheres aparecem comercializando produtos alimentícios e construindo espaços tipicamente caracterizados como femininos. Seja por trás de balcões ou caminhando pela região das lavras, as mulheres apareceram associadas ao pequeno comércio de abastecimento das áreas mineradoras. (IVO, 2012, p. 269)

Como no período trabalhado a presença do homem no espaço doméstico era rara, devido aos constantes afastamentos ocasionados pelo processo colonial, a mulher tinha que assumir papéis, muitas vezes, reservados aos homens. Del Priore nos mostra que

Em Minas Gerais, no século XVIII, por exemplo, o predomínio de famílias matrifocais era impressionante. Girava em torno de 45% o número de mulheres à testa de suas casas [...] Em São Paulo [...] o desequilíbrio entre os sexos provocado pelo deslocamento de homens em direção a regiões mais lucrativas deixara as mulheres como maioria nas cidades e vilas. (DEL PRIORE, 2009, p.46)

A pesquisa em questão justifica-se pela importância e necessidade de se discutir a história da mulher, num cenário de mudanças em que esta tem se destacado e conquistado lugares importantes na sociedade, corroborado pelos vários espaços no debate historiográfico. Estudar o livro didático é importante na medida em que o mesmo é compreendido como um instrumento metodológico, amplamente utilizado na educação, e em especial na educação escolar, sendo, inclusive, em algumas escolas, o único instrumento acessível aos docentes e discentes.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

O livro didático apresenta pontos positivos e negativos. Ele auxilia o professor em sala de aula, principalmente quando percebemos a carência de outros materiais didáticos nas escolas, amplia informações por meio de outras linguagens, como a imagética e poética. Ao mesmo tempo, é limitado, pois, para atender à lógica do mercado editorial, muitas questões complexas são simplificadas, a ponto de dificultar ou até mesmo impedir reflexões. Para Fonseca,

o processo de simplificação no âmbito da difusão implica tornar definitivas, institucionalizadas e legitimadas pela sociedade determinadas visões e explicações históricas. Essas representações transmitidas simplificada e trazem consigo a marca da exclusão. O processo da exclusão inicia-se no social, em que ‘alguns atos’ são escolhidos e ‘outros’ não, de acordo com os critérios políticos. [...] (FONSECA, 2004, p. 55).

Sendo o livro didático uma das principais referências impressas tanto para a formação como para a inserção cultural de muitos docentes e discentes das escolas brasileiras, cabe ao

professor selecionar melhor os textos e procurar diversificar as fontes historiográficas. Além disso, para não se submeter a tudo que o livro didático oferece, é necessário apresentar um posicionamento crítico em relação ao conteúdo apresentado. De acordo com Schimidt e Cainelli “a clareza acerca dessas questões pode servir de referência para o livro didático ser visto como parte articulada e articuladora da relação entre professor, aluno e conhecimento histórico, e não como algo arbitrário e compulsório”. (SCHIMIDT e CAINELLI, 2009, p.172)

Durante muito tempo, o livro didático utilizado na Educação Básica foi alvo dos mais diversos tipos de críticas. Era considerado um objeto alienante que tirava do professor a sua

autonomia pedagógica; sem qualidade devido à sua simplificação e ideologização dos conteúdos, contudo, um mal necessário. Atualmente, temos percebido uma mudança em relação à opinião a respeito do livro didático. Uma hipótese para essa mudança foi a criação das avaliações sistemáticas do livro didático, empreendidas pelo Ministério da Educação, por meio das Universidades, desde meados da década de 1990.

Diante dos estudos realizados, percebe-se que não existe um livro didático perfeito ou ideal, porque as demandas e expectativas sobre ele são muitas e diversificadas, indicando que muito ainda tem que ser feito. Houve alguns avanços significativos nestes últimos vinte anos: “melhoria na qualidade gráfica e de impressão, melhoria na linguagem utilizada, bem como inovações metodológicas. [...] as coleções passaram a focalizar não só a história das políticas institucionais, mas a história das mentalidades e do cotidiano. (GALZERANI, 2013, p. 63)

Nesse contexto de popularização do saber histórico pelo livro didático faz-se necessário que o professor tenha certa intimidade com a produção historiográfica da atualidade para que possa fazer uma escolha que seja melhor para o crescimento intelectual dos alunos. Também, “é importante compreender os procedimentos da transposição didática do saber histórico para o saber escolar, tais como o uso escolar do documento histórico e a construção de conceitos históricos.” (SCHIMIDT e CAINELLI, 2009, p.172)

3. CONCLUSÃO

Como afirmado anteriormente, a pesquisa está em fase inicial, portanto não temos resultados definitivos, mas ao esboçar um estado da arte sobre trabalhos que tratam da mulher nos livros didáticos de História, no Brasil, percebe-se que o estudo dessa temática é uma realidade nas pesquisas acadêmicas atuais. Também, percebe-se o quão importante é que meninas se vejam representadas nas páginas de livros didáticos e que professores sinalizem que a mulher foi e é um ser atuante no desenvolvimento da nação e que precisa ter sua presença e importância destacadas.

Além disso, ao catalogar algumas coleções de livros didáticos de História percebemos a necessidade de abordar os silenciamentos e ausências de determinados grupos de mulheres, o que certamente dificulta o que entendemos ser um aprendizado multiperspectivado da

História.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe (Org.). **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 3ª Edição, 2009.

CHOPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática do Ensino de História**. São Paulo: Papirus, 2ª Ed., 2004.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério Galzerani; BUENO, João Batista Gonçalves; JÚNIOR, Arnaldo Pinto (Org.) **Paisagens da Pesquisa Contemporânea sobre o livro didático de História**. São Paulo: Paco Editorial, 2013.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 5ª Edição, 2003.

MISTURA, Leticia & CAIMI, Flávia Eloísa. O (não) lugar da mulher no livro didático de história: um estudo longitudinal sobre relações de gênero e livros escolares (1910-2010), **AEDOS- Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 7, nº 16, p. 229-246, Julho/2015.

MONTEIRO, Paolla Ungaretti. (IN)visibilidade das Mulheres Brasileiras nos Livros Didáticos de História do Ensino Médio (PNLD, 2015). Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado em Educação: Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PASTRO, Sônia Maria Gazola & CONTIERO, Diná Teresa. Uma análise sobre o Ensino de História e o Livro Didático. **História & Ensino**, Londrina, v. 8, edição especial, p. 59-66, out. 2002.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.).

Cultura histórica em debate. São Paulo: UNESP, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2000.

SCHMIDT, M. A., CAINELLI, M.; **Ensinar História. Pensamento e ação na sala de aula.** 2 ed.- São Paulo: Scipione, 2009.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira & CAIMI, Flávia Eloísa. O Livro Didático do Ensino Médio: critérios de avaliação e documentos curriculares. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 54, n. 41, p. 220-250, maio/ago. 2016.